

## Estudo variacionista sobre a palatalização de S em coda silábica na fala fluminense

Silvia Figueiredo Brandão

Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

silvia.brandao@terra.com.br

**Resumo.** *Estudo na perspectiva sociolingüístico-variacionista sobre a palatalização de S em coda silábica interna e externa na fala de onze comunidades do Estado do Rio de Janeiro com base nas elocuições livres do MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro.*

**Resumen.** *Estudio en la perspectiva sociolingüística variacionista sobre la palatalización de la S en coda de sílaba interna y externa en el habla de once comunidades del Estado de Rio de Janeiro con base en las elocuciones libres del MicroAtlas Fonético do Estado de Rio de Janeiro.*

**Palavras chave:** palatalização; coda silábica; falares fluminenses.

### 1. Introduzindo a questão

Estudos de cunho sociolingüístico realizados por Rodrigues (2001) e Brandão (1997, 2008, entre outros) demonstram que, nas Regiões Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, predomina a variante alveolar de S pós-vocálico, ao contrário do que ocorre na capital e na sua região metropolitana em que a variante palatalizada constitui norma (cf. AFeBG: Lima, 2006). Na fala das duas primeiras mencionadas áreas, embora com percentuais e *inputs* ainda pouco representativos (contexto interno: 30% - .24; contexto externo: 18% - .21), o processo de palatalização é fortemente condicionado pelo ponto/modo de articulação do segmento subsequente e, ainda, por fatores de natureza extralingüística, em que sobressaem as variáveis área geográfica e faixa etária.

Neste trabalho, realizado na linha sociolingüística variacionista com base nas elocuições livres do acervo do Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Almeida: 2008), estende-se a pesquisa à fala de outras regiões do Estado, cada uma delas representada por uma ou duas localidades: Metropolitana (Itaguaí), Serrana (Cantagalo e Santa Maria Madalena), das Baixadas Litorâneas (Cabo Frio e Cachoeiras de Macacu), Médio Paraíba (Resende e Valença), Centro Sul (Três Rios), considerando-se, ainda, as Regiões Noroeste (Porciúncula) e Norte (Quissamã e São Francisco do Itabapoana), desta vez com base em localidades não observadas nos trabalhos acima citados.

Assim, objetiva-se, primordialmente, analisar a palatalização de S pós-vocálico em contexto interno e externo, de modo não só a (1) detectar os fatores estruturais e extralingüísticos que a condicionam, (2) verificar se, na fala espontânea, o processo

mantém ou aumenta sua produtividade em comparação com os índices obtidos por meio de Questionário e registrados nas cartas do referido Atlas, (3) observar a produtividade das demais variantes.

Controlaram-se as variáveis localidade, gênero e faixa etária (1- 18-35 anos; 2- 36-55 anos; 3- 56 anos em diante), também sistematicamente controladas no MicroAFERJ, e as variáveis lingüísticas posição no vocábulo, impedimento à passagem do ar na articulação do segmento subsequente, modo de articulação, ponto de articulação e sonoridade da consoante subsequente, intensidade da sílaba e natureza do vocábulo em que incide o segmento.

Levando-se em conta, em média, 10 minutos de cada inquérito, computaram-se 1599 dados, 800 relativos ao contexto interno e 799 ao externo.

Como se pode verificar pela tabela 1, na fala das onze comunidades como um todo, as variantes palatalizadas predominam (50%) no contexto interno, com apenas 3% de diferença no que toca às alveolares, enquanto no contexto externo são as alveolares (60%) as mais freqüentes, mesmo considerando-se que das 282 ocorrências de [z], 227, isto é, 80% delas, se encontram diante de vogal.

Por outro lado, diferentemente do que se esperava, obtiveram-se baixíssimos índices de variante aspirada e de cancelamento, o que determinou que se analisassem os dados considerando apenas as variantes mais produtivas. Assim, [s z] passaram a constituir a variante alveolar e [ʃ ʒ] a variante palatalizada, sendo esta última o valor de aplicação.

	Contexto Interno 880 ocos						Contexto Externo 799 ocos					
	[s]	[z]	[ʃ]	[ʒ]	[h]	[∅]	[s]	[z]	[ʃ]	[ʒ]	[h]	[∅]
<b>Oco</b>	337	39	<b>368</b>	<b>27</b>	5	24	<b>199</b>	<b>282</b>	155	56	11	96
<b>Perc.</b>	43%	4%	<b>47%</b>	<b>3%</b>			<b>25</b>	<b>35</b>	19	7		
	47%		<b>50%</b>		0%	3%	<b>60%</b>		27%		1%	12%

**Tabela 1- Índices gerais relativos às variantes de S em coda silábica.**

## 2. Contexto interno

Em contexto interno, considerando-se 771 ocorrências, obtiveram-se os seguintes índices para as duas recém-mencionadas variantes:

- palatalizada: 395 ocos - 51%
- alveolar: 376 ocos - 49%

A palatalização de S, com input 0,523, mostra-se condicionada pelas variáveis ponto de articulação da consoante subsequente, localidade e gênero.

Como se verifica na tabela 2, as consoantes pós-alveolares (p.r. 0,901) e as alveolares (p.r. 0,576) aparecem como as mais propícias ao uso da variante palatalizada.

	Oco	Perc.	P.R.
<b>Labial</b>	<b>54/140</b>	<b>38%</b>	<b>0,329</b>
<b>Alveolar</b>	<b>225/384</b>	<b>58%</b>	<b>0,576</b>
<b>Pós-alveolar</b>	<b>60/74</b>	<b>81%</b>	<b>0,901</b>
<b>Velar</b>	<b>56/173</b>	<b>32%</b>	<b>0,259</b>
<b>Input:0.523</b>		<b>Significância: 0,000</b>	

**Tabela 2 - Variante palatalizada de S: efeito da variável ponto de articulação do segmento subsequente em contexto interno**

Em diversos estudos sobre a variável em pauta pode-se observar que as coronais [+ altas] – [tʃ dʒ] – e as [-altas] – [t d] – em contexto subsequente predisõem à palatalização de –S.

Gryner e Macedo (2000: 39), em trabalho sobre a fala de Cordeiro-RJ, afirmam que “esta [a regra de palatalização] se aplica preferencialmente diante de consoante e, secundariamente diante de pausa. Entre as consoantes as que mais favorecem a palatalização são as descontínuas, especialmente as coronais altas e, secundariamente, as demais coronais”.

Também na fala de Belo Horizonte, em que predomina a variante alveolar, Silva (1999: 58) mostra que quando o S que ocorre em final de sílaba “é seguido de uma das africadas [tʃ dʒ] – por exemplo em palavras como ‘castiga, desdisse’ – ocorre a palatalização do ‘s’ ortográfico (...) que se “manifesta foneticamente como [ʃ ʒ].

Nos citados trabalhos sobre a fala do Norte fluminense observa-se essa mesma tendência, como aponta Brandão (1997: 68): “assim, mostraram-se favorecedoras da ocorrência das variantes [+ant] contextos em que ao /S/ [-cont + cor] (...) ao passo que a presença, na mesma posição, de uma [-cont + cor] –[t], [d] – e as africadas pós-alveolares surda e sonora – tornam mais prováveis as variantes [-ant].”

Embora predominante no conjunto das localidades consideradas, a variante palatalizada não se distribui da mesma forma nas diferentes regiões do Estado (cf. Tabela 3).

Região	Localidade	Oco	Perc.	P.R.
<b>Noroeste</b>	<b>Porciúncula (POR)</b>	<b>14/69</b>	<b>20%</b>	<b>0,113</b>
Norte	<b>São Francisco do Itabapoana (SFI)</b>	<b>22/82</b>	<b>26%</b>	<b>0,275</b>

	<b>Quissamã (QUI)</b>	<b>25/66</b>	<b>37%</b>	<b>0,460</b>
<b>Serrana</b>	<b>Cantagalo (CAN)</b>	<b>18/47</b>	<b>38%</b>	<b>0,351</b>
	<b>Santa Maria Madalena (SMM)</b>	<b>29/58</b>	<b>50%</b>	<b>0,336</b>
<b>Centro Sul</b>	<b>Três Rios (TRR)</b>	<b>25/47</b>	<b>53%</b>	<b>0,541</b>
<b>Baixadas Litorâneas</b>	<b>Cachoeiras de Macacu (CMA)</b>	<b>124/149</b>	<b>83%</b>	<b>0,826</b>
	<b>Cabo Frio (CAF)</b>	<b>46/54</b>	<b>85%</b>	<b>0,872</b>
<b>Metropolitana</b>	<b>Itaguaí (ITA)</b>	<b>66/101</b>	<b>65%</b>	<b>0,739</b>
<b>Médio Paraíba</b>	<b>Valença (VAL)</b>	<b>19/56</b>	<b>33%</b>	<b>0,255</b>
	<b>Resende (RES)</b>	<b>7/42</b>	<b>16%</b>	<b>0,110</b>
<b>Input: 0,523</b>		<b>Significância: 0,000</b>		

**Tabela 3 - Variante palatalizada de S: efeito da variável localidade em contexto interno**

Os maiores índices de palatalização ocorrem nas comunidades mais próximas da capital do Estado, em que a palatalização de S é praticamente categórica. Muitos habitantes de Itaguaí (p.r. 0,739), que faz parte da Região Metropolitana, trabalham na cidade do Rio de Janeiro. Cabo Frio (p.r. 0,872), Cachoeiras de Macacu (p.r. 0,826), na Região das Baixadas Litorâneas, e Três Rios (0,541), na Centro Sul, são zonas de veraneio e de turismo de final de semana para os cariocas, sendo, portanto freqüente o contato interdialetoal.

Já os menores índices encontram-se nas localidades extremas – Porciúncula, no Noroeste, São Francisco do Itabapoana, no Norte e Resende e Valença no Médio Paraíba – áreas situadas próximo a Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Essas comunidades apresentam maior independência em relação à capital, tendo maior intercâmbio com paulistas e mineiros, enquanto Cantagalo e Santa Maria Madalena, por conta de sua situação geográfica, estão mais isoladas.

Pode-se observar também o maior ou menor contato entre as comunidades aqui consideradas e o Rio de Janeiro, na tabela a seguir, em que se indicam a distância em km entre elas e a capital. As localidades estão representadas pelas siglas que constam da tabela 3.

	POR	SFI	QUI	SMM	CAN	TRR		ITA	CMA	CAF	VAL	RES
<b>km</b>	348	320	234	219	182	123		66	90	148	148	154
	→	→	→	→	→	→	<b>RJ</b>	←	←	←	←	←

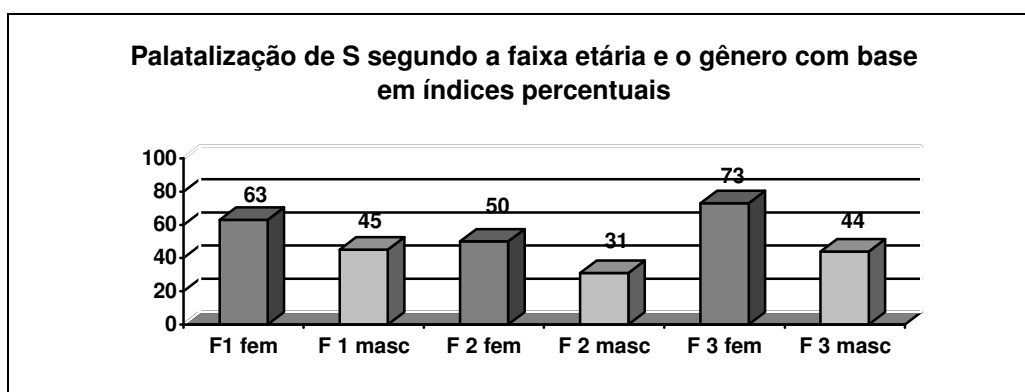
**Tabela 4 –Distâncias entre as localidades e a cidade do Rio de Janeiro**

Em todas as áreas são as mulheres (p.r. 0,639) as que mais favorecem a variante inovadora (cf. Tabela 4), o que se justifica pelo fato de ser esta uma variante de prestígio.

	Oco	Perc.	P.R.
<b>masculino</b>	<b>148/380</b>	<b>38%</b>	<b>0,357</b>
<b>feminino</b>	<b>247/391</b>	<b>63%</b>	<b>0,639</b>
<b>Input: 0,523</b>		<b>Significância: 0,000</b>	

**Tabela 5 - Variante palatalizada de S: efeito da variável gênero em contexto interno**

Embora a faixa etária não tenha sido selecionada em nenhuma das etapas da análise, parece oportuno apresentar o cruzamento deste grupo de fatores com a variável gênero por meio do gráfico 1. Nele, observa-se que as faixas etárias 1 e 3, tanto as do gênero feminino quanto as do gênero masculino demonstram maior tendência ao uso, respectivamente, da variante palatalizada e da variante alveolar. Por outro lado, fica claro por que a variável faixa etária foi sistematicamente descartada pelo programa Goldvarb.



**Gráfico 1**

### 3. Contexto externo

Em contexto externo, considerando-se apenas as variantes coronais, num total de 692 dados, obtiveram-se os seguintes índices gerais:

Variante palatalizada: 212 ocos - 30%

Variante alveolar: 480 ocos - 70%

Também aqui as variáveis ponto de articulação do segmento subsequente e localidade mostraram-se relevantes, seguidas da intensidade da sílaba em que incide o segmento.

Comparando-se a tabela 6 com a tabela 3, verifica-se que o input da palatalização baixa para 0,456 e os percentuais de ocorrência do fenômeno diminuem

significativamente. Apenas na fala de três – Cachoeiras de Macacu, Cabo Frio e Itaguaí – das quatro localidades que, em contexto interno, se destacaram, os pesos relativos mantêm-se em índices semelhantes aos do contexto interno, o que permite dizer que nelas o processo já se encontra em franco progresso.

<b>Região</b>	<b>Localidade</b>	<b>Oco</b>	<b>Perc.</b>	<b>P.R.</b>
<b>Noroeste</b>	<b>Porciúncula (POR)</b>	<b>4/79</b>	<b>5%</b>	<b>0,104</b>
Norte	<b>São Francisco do Itabapoana (SFI)</b>	<b>8/53</b>	<b>15%</b>	<b>0,274</b>
	<b>Quissamã (QUI)</b>	<b>10/49</b>	<b>20%</b>	<b>0,321</b>
<b>Serrana</b>	<b>Cantagalo (CAN)</b>	<b>1/27</b>	<b>3%</b>	<b>0,069</b>
	<b>Santa Maria Madalena (SMM)</b>	<b>12/66</b>	<b>18%</b>	<b>0,453</b>
<b>Centro Sul</b>	<b>Três Rios (TRR)</b>	<b>12/58</b>	<b>20%</b>	<b>0,405</b>
<b>Baixas Litorâneas</b>	<b>Cachoeiras de Macacu (CMA)</b>	<b>84/160</b>	<b>52%</b>	<b>0,816</b>
	<b>Cabo Frio (CAF)</b>	<b>45/70</b>	<b>64%</b>	<b>0,904</b>
<b>Metropolitana</b>	<b>Itaguaí (ITA)</b>	<b>27/42</b>	<b>62%</b>	<b>0,857</b>
<b>Médio Paraíba</b>	<b>Valença (VAL)</b>	<b>4/49</b>	<b>8%</b>	<b>0,200</b>
	<b>Resende (RES)</b>	<b>5/38</b>	<b>13%</b>	<b>0,259</b>
<b>Input: 0,456</b>		<b>Significância: 0,000</b>		

**Tabela 6 - - Variante palatalizada de S: efeito da variável localidade em contexto externo**

Da mesma forma, o ponto de articulação do segmento subsequente, o primeiro a ser selecionado em ambos os contextos, mais uma vez aparece como o mais relevante para o favorecimento da palatalização.

Fica nítido, também, que a sílaba tônica é o contexto preferencial para a aplicação da regra.

		<b>Oco</b>	<b>Perc.</b>	<b>P.R.</b>
Ponto de	<b>Labial</b>	<b>52/106</b>	<b>49%</b>	<b>0,476</b>

articulação do segmento subsequente	<b>Alveolar</b>	<b>63/118</b>	<b>53%</b>	<b>0,533</b>
	<b>Pós-alveolar</b>	<b>10/19</b>	<b>52%</b>	<b>0,731</b>
	<b>Velar</b>	<b>21/56</b>	<b>37%</b>	<b>0,353</b>
Intensidade da sílaba	<b>Tônica</b>	<b>182/524</b>	<b>34%</b>	<b>0,574</b>
	<b>Átona</b>	<b>30/168</b>	<b>17%</b>	<b>0,282</b>
<b>Input: 0,456</b>		<b>Significância: 0,000</b>		

**Tabela 7 – - Variante palatalizada de S: efeito de duas variáveis estruturais em contexto externo**

Conforme já se observou e se expõe na tabela 1, são pouco numerosos os casos de cancelamento e de variante aspirada (respectivamente, 96 e 11 ocorrências). O cancelamento ocorreu sobretudo nos vocábulos nós, mas, mais, depois, faz, Deus e, de forma mais sistemática, nas formas verbais terminadas em –mos (12/17 ocas).

#### **4. Considerações finais**

A palatalização de S em coda é um fenômeno comum a falares situados em diferentes pontos do país, mostrando-se, em sua fase inicial, mais produtivo em sílaba interna, o que permite formular a hipótese de que sua propagação se tenha iniciado por esse contexto, como faz supor o presente estudo.

Tudo indica que concorrem para o uso da variante inovadora fatores tanto de ordem estrutural – em que sobressai o ponto de articulação do segmento subsequente, o mais forte desses condicionamentos – quanto de natureza extralingüística, em que localidade parece ser o mais expressivo. Aspectos sócio-históricos específicos às localidades aliados ao maior ou menor contato com a capital do Estado parecem concorrer para o quadro aqui delineado.

No conjunto de falares focalizados destacam-se os de três comunidades – Cachoeiras de Macacu, Itaguaí e Cabo Frio – por se mostrarem mais propícios à palatalização tanto em contexto interno quanto externo, devendo-se às mulheres das três gerações consideradas a implementação do processo.

#### **5. Referências**

ALMEIDA, F. da S. C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 2 v. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRANDÃO, S. F. Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermeval da (Org). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 61-69.

\_\_\_\_\_. A fala popular do Estado do Rio de Janeiro numa perspectiva geosociolingüística. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 268-284.

GRYNER, H.; MACEDO A. T. De. A pronúncia do s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, M. C; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. p. 26-51.

LIMA, L. G. de. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2 v. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, S. A. *O –S pós-vocálico na fala da Região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.